

O ENSINO DA GEOGRAFIA ATRAVÉS DA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS: TRABALHANDO OS ESTADOS DO BRASIL, SUAS CAPITAIS E CARACTERÍSTICAS CULTURAIS.

Lucas Antônio Ribeiro Cardoso ¹; Larissa Katarina Mendonça ²; Antônio Carlos Cardoso ³

¹Graduando em Geografia Licenciatura, Universidade Federal de Pernambuco - UFPE,
lucascardoso18@outlook.com

²Mestranda do Programa de Pós Graduação em Educação, PPGEDU, Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, mendoca.lk@gmail.com

³Professor de Libras do Departamento de Psicologia e Orientação Educacionais - DPOE do Centro de Educação (CE), Universidade Federal de Pernambuco – UFPE,
antonio.ccardoso.ufpe@gmail.com

INTRODUÇÃO

A partir do final do século XX, mais precisamente em 1989; o presidente em exercício José Sarney, aprovou a Lei Nº 7.853 de 24 de outubro do mesmo ano, que assegura o pleno exercício dos direitos individuais e sociais das pessoas portadoras de deficiências assim como sua interação no meio social nos termos que a lei impõe. Desde então as instituições de ensino tiveram que se adequar para atender os alunos que até então eram negligenciados, dentre eles os alunos Surdos.

Entretanto os Surdos tiveram, e têm, desde muitos anos sua forma de comunicação que perpassa a limitação da interação social. Essa comunicação formal é feita através da Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS. Nesse sentido, em 24 de abril de 2002, o Congresso Nacional sancionou a Lei de Nº 10.436, na qual o Art. 1º expõe:

É reconhecida como meio legal de comunicação e expressão a Língua Brasileira de Sinais - Libras e outros recursos de expressão a ela associados. Parágrafo único. Entende-se como Língua Brasileira de Sinais - Libras a forma de comunicação e expressão, em que o sistema linguístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constitui um sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil.

Caminhando nesse sentido, em 2005 esta Lei foi regulamentada tornando obrigatório o ensino

da LIBRAS em todas as Licenciaturas (formação inicial docente), Pedagogia e Fonoaudiologia.

Diante dessa nova realidade, todos os cursos de licenciatura, Pedagogia e Fonoaudiologia tiveram que reformular suas respectivas organizações curriculares, a fim de tornar a LIBRAS um componente curricular obrigatório. Vejamos abaixo o que diz a seguinte regulamentação:

Art. 3º [...] § 1º Todos os cursos de licenciatura, nas diferentes áreas do conhecimento, o curso normal de nível médio, o curso normal superior, o curso de Pedagogia e o curso de Educação Especial são considerados cursos de formação de professores e profissionais da educação para o exercício do magistério [...]

Na Geografia, a língua de sinais tem um papel fundamental para ensino e aprendizagem da disciplina por parte dos surdos, no que tange a espacialidade. Tendo em vista que algumas de suas representações nos remetem a contextos culturais e físicos da Ciência Geográfica como um todo. Tal como nossa língua nativa é o Português, e possuem suas variantes, a língua de sinais é própria de cada país carregando consigo suas especificidades.

Diante disso, objetiva-se compreender a relação cultura-identidade surda a respeito da construção da representação dos sinalizadores referente aos 26 estados brasileiros, suas capitais, o Distrito Federal e de alguns países, nas aulas de Geografia em turmas dos anos finais do ensino fundamental da Educação básica brasileira. A partir de uma análise, mais aprofundada, com a comunidade Surda acerca do trabalho realizado na inter-relação da LIBRAS, Língua Portuguesa e as categorias da Geografia, dentre elas Lugar, Região, Cultura e Identidade.

METODOLOGIA

Particularmente no ensino de Geografia, podemos utiliza-la como uma forma de reforçar a identidade da comunidade surda com o lugar para ser representado através da LIBRAS. Cabe salientar que apenas alguns sinalizadores fazem alusão há algum aspecto geográfico do contexto representado, a exemplo o sinal do estado de Pernambuco, que é feito com as mãos em maneira horizontal, uma referência à configuração territorial de Pernambuco, tal como observamos a seguir nas figuras, abaixo:



Figura 1 - forma latitudinal de Pernambuco no mapa. Fonte: IBGE, Censo 2010.

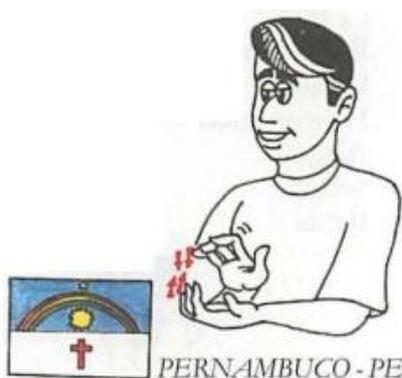


Figura 2 – Sinal de Pernambuco em LIBRAS. Fonte: Manual de Ciência e Geografia, Curitiba 1998.

Através das metodologias propostas se faz necessário, de antemão, conhecer um pouco sobre como se constitui a comunidade Surda e como ela se organiza, sendo interessante que parta de uma conversa, em sala de aula, e seja realizada uma roda de diálogo e que cada aluno compartilhe sua vivência, sua identificação como Surdo, seus sentimentos, anseios e vontades. Esta pode ser uma forma que auxilie o professor a conhecer mais um pouco a sua turma e em como trabalhar alguns contextos da Geografia em sala de aula. Nesse sentido, serão trabalhadas quatro categorias da Geografia, a saber: lugar, cultura, identidade e Região. Através das aulas expositivas e dialogadas, com uso de mapas, fotografias, o livro didático e outros. Que os proporcionará conhecer um pouco sobre cada conceito, mas o importante nesse processo de ensino-aprendizagem é a vivência que cada aluno tem consigo sobre cada um desses conceitos.

As categorias lugar e identidade poderão ser trabalhadas com fotografias, se for viável, solicitar aos alunos que registrem diferentes lugares, onde vive, por onde passa cotidianamente, e/ou que desejem conhecer, de maneira em que apresentem os locais em que mais se identificam. A percepção visual será de extrema importância para cada indivíduo captar do lugar. Já a segunda categoria, cultura, seja por uma dança específica, uma comida típica, um objeto próprio do local, ou um comportamento. E a

partir de tais percepções, ensinar qual sinalizador refere-se ao local representado.

A categoria Região pode ser trabalhada a partir da junção das características em comum vivenciadas pelos alunos, e suas experiências adquiridas nas relações de socialização. Na roda de diálogo proposta, essa categoria será trazida de maneira que o conhecimento de cada um contribua para o amadurecimento de se entender a região.

A língua de sinais como maneira de comunicação dos Surdos é também um modo de demonstração de sua cultura e identidade, segundo SANTOS (1998) a cultura é uma forma de comunicação que cada pessoa tem com o mundo, é uma herança, mas também uma maneira de (re)aprender a relação que cada um possui com o lugar o qual pertence e todo esse processo é construído a partir do viver.

Para a produção linguística dos sinais, segundo GESSER (2012), e a relação de aprendizagem de uma língua são marcadas de maneira cognitiva e parte do comportamento psicológico e perceptivo da forma em que o indivíduo interage com o meio. Como foi pontuado acima, a representação de alguns lugares, seja uma cidade, um estado ou um país vai surgir da percepção e vivência que a comunidade Surda pertencente ao lugar tem como ele próprio. Por exemplo, sinal do Estado do Ceará não foram os Surdos de Pernambuco que criaram, nem os baianos, foram os Surdos do Ceará que vivem no estado. Entretanto isso não se aplica as estruturas da língua, apenas alguns sinalizadores de lugares ou características culturais, como já se explicitado anteriormente.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

É de extrema importância que o professor tenha em sua bagagem o entendimento de que a LIBRAS não é um código ou uma mímica. É uma língua segue parâmetros linguísticos assim como o português, o inglês, o espanhol, dentre outros; e que assim como os idiomas variam. No Brasil temos a língua própria dos surdos brasileiros, porém, é certo pensar, que em Portugal, já que o idioma é o mesmo, a língua de sinais é a mesma? Errado. A língua de sinais é diferente, porque são costumes diferentes, vivências diferentes. E compreendemos, que a construção da linguagem parte da identificação com o lugar que se vive.

Todas as categorias da Geografia devem ser trabalhadas de maneira integrada, num proposta de ensino que tenha como metodologia de ensino o seminário expositivo e totalmente visual. A visão é um sentido muito importante no aprendizado do aluno Surdo, não devendo haver barreiras que os impeçam de ver o que estar sendo ensinado; uma proposta

bastante pertinente de organização em sala de aula é colocá-los em círculo. Resultando numa maior interação uns com os outros. Outro sentido importante nesse processo é o olfato, sentir o cheiro do lugar e de grande valia para o Surdo para que ele possa reconhecer determinada localidade. Exemplo de um jardim com flores, ou uma rua que tem esgoto a céu aberto. Todos esses pontos ajudam e auxiliam na construção de identificação que o Surdo pode ter com o meio em que ele vive e convive. Sendo responsabilidade do professor, mediar à construção desse conhecimento.

Um dos pontos chaves para o ensino da Geografia utilizando a língua de sinais é a percepção visual que se tem do mundo, conforme FREIRE (2015, p 60). “O fato de me perceber no mundo, com o mundo e com os outros me põe numa posição em face do mundo que não é a de quem não tem nada haver com ele”.

CONCLUSÃO

Uma das maneiras de amenizar o problema da alfabetização do Surdo com a Língua Portuguesa é trabalhar o letramento e fazer entender as especificidades de ambas as línguas, tanto o Português quanto a língua de Sinais. De acordo com Gesser (2009), um dos pontos no ensino da língua de sinais brasileira é variedade lexical que irá ocorrer em cada estado. Ou seja, assim como o Português possui sua regionalização linguística, a LIBRAS também tem alguns sinalizadores diferentes. Com o entendimento do Português de maneira clara compreensível, o aluno fica apto a desenvolver habilidades cognitivas nas demais ciências, na Geografia, por exemplo, através do espaço, do olhar sobre a paisagem da identificação cultural com o lugar dentre outros aspectos que contribuem para a construção da concepção geográfica do aluno.

Em suma, a Geografia está diretamente ligada na construção da LIBRAS e na sua abordagem linguística, porém essa percepção muitas vezes não é compreendida. Entretanto, a proposta do trabalho em questão será mostrar a Geografia não só como disciplina escolar, mas como uma vivência cotidiana, que vai sempre perpassar a construção dos sinalizadores da língua.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. LEI Nº 10.436, DE 24 DE ABRIL DE 2002. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**. Brasília, 24 de abril de 2002

_____. **DECRETO Nº 5.626, DE 22 DE DEZEMBRO DE 2005**. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**. Brasília: 22 de dezembro de 2005.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **O ensino de Geografia na escola**. Campinas: Papyrus, 2012.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 52º ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

GESSER, Audrei. **LIBRAS?: Que lingual é essa?: Crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda**. São Paulo: Parábola, 2009.

_____. **O ouvinte e a surdez: sobre ensinar e aprender a LIBRAS**. São Paulo: Parábola, 2012.

IBGE. Censo Demográfico 2010. **Densidade Demográfica de Pernambuco**. Disponível em <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pe/panorama>. Público, acesso em 27 de setembro de 2017.

LIBÂNEO, J. C.; OLIVEIRA, J. F. de; TOSCHI, M. S. **Didática**. São Paulo: Cortez Editora, 1994.

PONTUSCHKA, Nídia Nacib. **Para ensinar e aprender Geografia**. 1ª ed. São Paulo: Cortez 2007.

QUINTERO, Josira M. Webber; MENEGUETE, Dulcellia. **Manual de Ciência e Geografia**. Curitiba: SEED; SUEDE; DEE. 1998. 80p

SANTOS, Milton. **O espaço do cidadão**. São Paulo: EdUSP, 2014.